



(*foto)

TELEPATIA EM SONHOS: UM ESTUDO DIDÁTICO

Ênio C.S. Araújo*, Cilmar Souza Nogueira*, Cristiane Piasecki*, Jedalva Oliveira*, Helison Giradello*, Fábio E. da Silva, Maria José Westphal,

Faculdades Integradas Espírita, Curso Livre de Parapsicologia, Curitiba, Paraná, Brasil

Resumo

Sob responsabilidade dos alunos do 5º período do Curso de Parapsicologia, este estudo tentou verificar a possibilidade da telepatia através de sonhos. Treze sujeitos participaram do estudo, realizando o mínimo de um e o máximo de três ensaios, sendo selecionados por: a) relatarem conseguir lembrar seus sonhos com regularidade; b) possuírem regularidade no horário de acordar; c) acreditarem na possibilidade da telepatia. Eles dormiram em suas casas e ao acordarem anotavam seus sonhos. Os pesquisadores serviram de emissores, emitindo os alvos (vídeos de um minuto) em suas casa trinta minutos antes do horário dos sujeitos acordarem. No julgamento, os sujeitos buscaram distinguir o alvo correto entre 4 possíveis alvos. Assim, foram realizados 22 ensaios, obtendo-se 7 de acertos (31,8%, $z=0,49$, $p>,05$) descartando-se a hipótese de que os acertos diretos se afastariam positiva e significativamente da média esperada por acaso. Todos os acertos ocorridos foram de receptores femininos, porém a comparação proporcional entre acertos e erros para ambos os sexos não foi significativa ($X^2 = 2,88$, $p>,05$). Dados de ordem qualitativa foram também considerados, indicando semelhança com estudos prévios. São avaliadas falhas metodológicas ocorridas e dadas sugestões para futuras pesquisas psi através de sonhos.

Abstract

This study, conducted by students of the 5th semester of the Parapsychology Course had for objective to verify the possibility of telepathy through dreams. The thirteen subjects involved in the study took part in at least one and at the most three trials. They were selected according the following criteria: a) often being able to remember their dreams; b) usually waking up at the same time; c) believing in the possibility of telepathy. They would sleep at home and write down their dreams when waking up. The researchers acted as senders, telepathically trying to send a one minute video which they watched from their own home thirty minutes before the subjects' waking up time. During the evaluation, the subjects tried to identify the correct target among 4 possible targets. 22 trails were carried out, showing 7 hits (31,8%, $z=0,49$, $p>,05$) refuting the hypothesis that the direct hits would positively and significantly differ from the mean chance expectancy. All the hits were from feminine receivers, but the proportional comparison between hits and miss for both sexes was not significant ($X^2 = 2,88$, $p>,05$). Qualitative data were also taken in consideration, indicating a similarity with previous studies. Methodological flaws were evaluated and suggestions for future studies though dreams were given.

INTRODUÇÃO

O presente estudo constitui-se parte do treinamento oferecido pela disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Parapsicologia I, do Curso Livre de Parapsicologia, na cidade de Curitiba, estado do Paraná. Seu principal objetivo é didático, ou seja permitir aos estudantes do 5º período a prática da elaboração e execução de um estudo experimental, bem como a elaboração de um informe científico. Assim a técnica com sonhos foi a primeira eleita para essa experiência didática.

Desde a antiguidade os sonhos aparecem associados com os fenômenos psi. Era-lhes atribuído um sentido sobrenatural. São incontáveis os sonhos proféticos relatados historicamente. (EYSENCK, SARGENT.1993)

Louisa Ella Rhine coletou uma amostra de 7.119 casos de experiências espontâneas de PES (Percepção Extra Sensorial, verificando que 65% delas ocorriam durante os sonhos. (HONORTON, 1976)

Uma das primeiras pesquisas com sonhos ocorreu em 1895, com o psiquiatra italiano G. B. Ermacora, pesquisando uma médium que, em estado de transe, manifestava-se uma criança chamada Elvira. Essa médium servia de emissora para sua sobrinha Angelina de 4 anos de idade. Muitos sonhos relatados evidenciaram os conteúdos que tinham sido sugeridos, porém, os resultados não puderam ser aceitos, visto que, os procedimentos metodológicos foram muito relapsos e suscetíveis a críticas. (CASTLE, 1986)

Em 1953 o psicoterapeuta Wilfred Dain, também de nacionalidade italiana, publicou o trabalho "Estudos em Sonhos Telepáticos", utilizando para o experimento pares de cores e símbolos geométricos como alvos. Foram realizados 30 ensaios, nos quais indicou ter obtido 75% de sonhos que refletiam diretamente o conteúdo dos alvos. Mas, novamente os processos metodológicos apresentaram falhas, como por exemplo, o fato do próprio investigador ter realizado os julgamentos.(CASTLE,1977)

Entre os inúmeros estudos com sonhos certamente os que mais se destacaram foram aqueles realizados no CMM (Centro Médico de Maimonides) a partir de 1962, sendo conduzidos por Montague Ullman, Stanley Krippner e posteriormente Charles Honorton (ULLMAN, KRIPNER, 1989)

No desenho experimental básico o receptor dormia no laboratório de sonhos, permanecendo numa sala com isolamento acústico, sendo monitorado por EEG (Eletroencefalograma) durante toda a noite. Depois

que o receptor dormia, o alvo, uma reprodução de uma pintura, era escolhido através de uma tabela de números aleatórios. Lacrado em um envelope opaco, o alvo era então entregue a um agente, que só poderia abri-lo depois que estivesse na sala de emissão, onde passaria toda a noite e desenvolveria as atividades de emissão. A distância entre a sala do emissor e receptor variou conforme os experimentos. Nos primeiros testes essa distância era de 9.7 metros, posteriormente passou a ser 29.8 metros e finalmente foi 22.5 quilômetros. (CASTLE, 1977; ULLMAN, KRIPNER, 1989)

Uma terceira pessoa, situada noutra sala, monitorava o EEG do receptor durante toda a noite. Quando o EEG indicava que o receptor estava em MRO (movimento rápido dos olhos), este monitor transmitia um sinal eletrônico para o agente, indicando que este deveria reiniciar as atividades de emissão. O monitor aguardava cerca de 10-20 minutos do período MRO e, através de um intercomunicador, acordava o receptor solicitando-lhe que descrevesse seu sonho com detalhes, o qual era gravado em fita. Ao final do relato do receptor tanto ele quanto o emissor poderiam voltar a dormir, pois o monitor continuaria a detectar os períodos de MRO, e acordá-los nos momentos apropriados. (CASTLE, 1977, EYSENCK, SARGENT, 1993; ULLMAN, KRIPNER, 1989)

Na manhã seguinte solicitava-se ao sujeito que fizesse outras possíveis associações com seus sonhos. Normalmente também era lhe mostrado um conjunto de 8 ou 12 fotografias de arte (conforme o estudo), para que as ordenasse e taxasse sua confiança (1-100) em cada uma, no sentido de quão próximas elas se correlacionavam como conteúdo ou emoções dos seus sonhos. Uma dessas fotografias era a cópia daquela que tinha sido “enviada” na noite anterior. Além da avaliação do próprio sujeito, mais três juizes externos avaliavam os experimentos. Eles recebiam uma transcrição completa dos sonhos e o conjunto de alvos utilizado, e também indicavam a ordem e a taxa de confiança para cada fotografia. (Ibid).

Numa meta-análise sobre os estudos com sonhos realizados no CMM entre 1966 e 1973, Dean Radin (1997) considerou 450 sessões, encontrando resultado favorável na hipótese psi que seria obtida por acaso 1 vez a cada 75 milhões de vezes.

Já em 1968 G. G. Globus, P. H. Knapp, C. J. Skinner e G. Gealy conduziram na Escola de Medicina da Universidade de Boston, um experimento com um par de amigos, que dormiram 17 noites no laboratório. Os alvos foram 17 conjuntos de 4 fotografias. Os resultados gerais avaliados por juizes independentes não mostraram-se significativos. Em 1971, Naum Kreiman do Instituto de Parapsicologia Buenos Aires, Argentina, realizou uma série de experimentos com sonhos obtendo resultados significativos. No procedimento o agente emissor, antes de dormir, observava detidamente um quadro eleito por acaso e fazia um relato escrito com todos os detalhes possíveis e, antes de dormir, representava-o mentalmente. Os receptores permaneciam em suas casas e, ao acordarem no dia seguinte, anotavam todos os sonhos da noite anterior. (CASTLE, 1977)

Noutro estudo interessante, especialmente em termos de metodologia, um grupo de pesquisadores de Cambridge, realizou uma série de experimentos com 8 sujeitos que relataram 6 sonhos cada um. Esses sujeitos levaram para suas casas um desenho alvo lacrado em um pacote, o qual era colocado em baixo do travesseiro antes de dormirem. As correspondências eram confirmadas por 2 juizes cegos, que recebiam os relatos dos sonhos e a cópia do alvo verdadeiro acompanhada por alvos falsos. Esse experimento obteve resultados significativos. (EYSENCK, SARGENT, 1993)

Mais recentemente, em 1996, Kathy Dalton desenvolveu na Universidade de Edimburgo, Escócia, uma série de experimentos com sonhos, onde participaram Fiona Stenkamp, Simon Sherwood e a própria Kathy. Os procedimentos experimentais foram os seguintes: um computador foi programado para selecionar aleatoriamente um alvo e durante a noite mostrá-lo no monitor do vídeo. O computador ficou trancado na sala do laboratório, enquanto os pesquisadores foram embora para suas casas. Eles deveriam tentar sonhar com o alvo e, pela manhã, anotarem seus sonhos. Posteriormente se dirigiam ao laboratório para avaliarem seus sonhos. O computador mostrava-lhes 4 alvos, dentre os quais, estava o correto. Os resultados foram significativos, 47% de acertos, enquanto se esperava por acaso apenas 25%. (MORRIS, WATT, 1997)

METODOLOGIA

Participantes, instruções e materiais

Os pesquisadores agiram alternadamente como emissores e assistentes de julgamento dos ensaios, se revezando de forma que, o pesquisador que servia de emissor para um ensaio agia como assistente de julgamento em outro e vice versa. Isto foi pensado para que não houvesse nenhum contato entre o emissor e o receptor antes que o processo do julgamento estivesse terminado, evitando-se assim a possibilidade de fornecer pistas sensoriais sobre o alvo.

O estudo contou com a participação de treze sujeitos convidados, os quais foram selecionados por três critérios: a) relatarem conseguir lembrar dos seus sonhos com certa regularidade; b) relatarem possuir certa regularidade no horário de acordar; e c) acreditarem na possibilidade da telepatia. Não foi avaliado se os sujeitos relatavam experiências psi anteriores, nem outros fatores de personalidade. Tão pouco se verificou a intensidade do vínculo entre o pesquisador emissor e receptor. Dentre eles 9 eram mulheres e 4 homens; a faixa etária variou entre 17 e 53 anos de idade, tendo como média 35 anos.

A maioria dos sujeitos experimentais foi convidada por manter uma relação de amizade com um dos pesquisadores, que no caso agiria como emissor. Inicialmente foi feita uma entrevista, na qual os sujeitos

foram informados sobre toda a dinâmica do experimento, incluindo o procedimento de “emissão” e o tipo de alvo a ser “transmitido”. Em seguida, lhes era solicitado a preencher uma ficha de cadastro e um termo de consentimento. Finalmente era marcado o dia e a hora do experimento e do julgamento do mesmo, informando que neste dia deveriam se dirigir a coordenação do Curso de Parapsicologia. Ao chegarem, eram encaminhados para uma sala de espera. Também ficavam cientes de que ao chegarem seriam encaminhados para uma sala de espera e que o julgamento não seria feito pelo pesquisador que os convidara e que emitira o alvo.

O pesquisador entregava ao sujeito algumas fichas de desenho e notas e a ficha de transcrição do sonho, explicando que, ao acordar, o sonho deveria ser anotado numa folha em branco e, posteriormente (antes do dia do julgamento), transcrito nesta ficha. Caso houvesse desenhos e notas, elas deveriam ser feitas nas fichas apropriadas.

Uma assistente externa ficou responsável pelos alvos experimentais. Cinco dias antes do início da pesquisa, utilizando-se de 90 tabelas de números aleatórios (RAND, 1955), ela aleatorizou dados para todos os ensaios. Durante o estudo ela disponibilizou alvos para cada experimento.

Alvos experimentais

Os alvos experimentais foram vídeos com duração aproximada de um minuto cada um. O conjunto total de alvos contém oitenta vídeos organizados em vinte grupos de quatro vídeos cada. Cada conjunto de quatro vídeos foi gravado em duas fitas VHS. A fita Emissor é destinada ao uso do emissor e contém os quatro vídeos gravados em disposição aleatória, separados por intervalos de três minutos sem gravação. A fita Receptor é destinada ao julgamento do receptor e contém os mesmos 4 alvos da fita Emissor, também dispostos em ordem aleatória, porém com intervalos de 10 segundos entre cada um deles. Cada fita foi lacrada dentro de um envelope opaco, que contém no seu exterior a palavra referente ao tipo de conjunto de alvos: Emissor ou Receptor. Esses dois envelopes foram fechados dentro de um terceiro envelope maior, também opaco, que contém o número do conjunto de alvos - 00 a 19.

Cada conjunto de alvos foi formado por 4 vídeo cliques o mais diferentes o possível uns dos outros. Para tanto foram considerados a diversidade dos conteúdos, como seres humanos, animais, natureza, construções, meios de transporte, entre outros. Também foram diferenciados quanto as emoções expressas, formas geométricas, tempo (passado, presente ou futuro), quantidade de elementos e intensidade do movimento, entre outros fatores. Esses alvos foram originalmente construídos para a utilização numa pesquisa com a técnica Ganzfeld (SILVA, 2002; SILVA, HIRAOKA, PILATO, 2003ab)

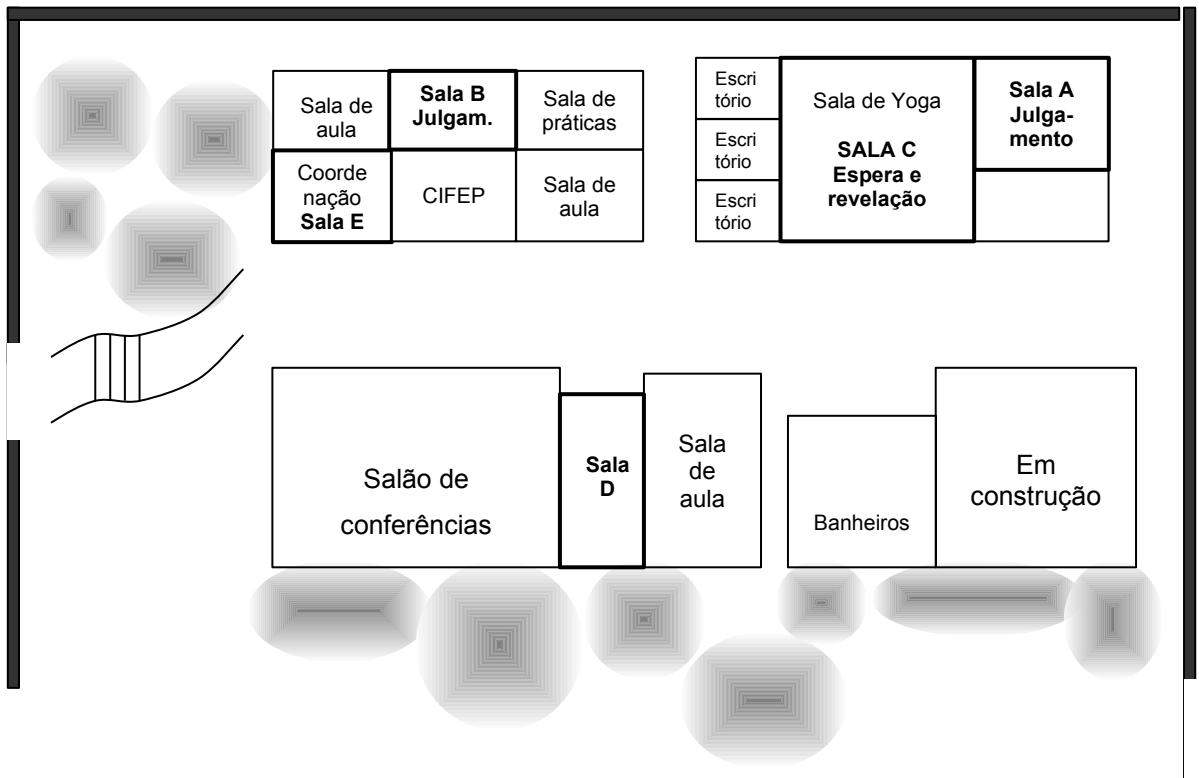
Emissão e recepção do alvo

No dia e horário marcado, os pesquisadores (nas suas próprias casas), levantaram-se 45min antes dos seus respectivos sujeitos acordarem (também nas suas casas), com o objetivo de prepararem o equipamento. Nos quinze primeiros minutos, eles abriram os envelopes com a fita para a emissão, verificaram o tempo do início do alvo e avançaram a fita até a posição correta, sem mostrar nenhuma imagem no televisor. Os vídeos são separados por uma gravação de três minutos de tela escura, ajudando a impedir que os pesquisadores vissem o segmento errado. Dado o momento combinado, o pesquisador acionava o vídeo, assistindo-o pela primeira vez. Ao final desligava a reprodução, retrocedendo-o até o ponto de início do vídeo, aguardava cerca de dois a três minutos e assistia-o novamente, fazendo este processo durante trinta minutos, os quais precediam o horário de acordar do receptor.

Durante os intervalos de emissão, os pesquisadores procuravam manterem-se focalizados no tema do vídeo e na imagem mental de seus sujeitos. Evitaram fazer outras atividades, as quais poderiam afetar a emissão-recepção do alvo. Ao final, recolocavam a fita no envelope guardando-a num local onde não seria esquecido, visto deveriam entregá-la ao assistente dos alvos no dia do julgamento do experimento.

Os receptores foram somente orientados a tentarem sonhar com o alvo que lhes seria transmitido e, ao acordarem anotarem o(s) sonho(s). Não lhes foi solicitado nenhuma prática especial como meditação ou mentalização.

Croqui dos locais utilizados para o julgamento e revelação do alvo



Julgamento e revelação do alvo

Antes do início dos julgamentos, nas salas A e B, os pesquisadores checavam os equipamentos e recebiam da assistente dos alvos as respectivas fitas de vídeo, com o número dos ensaios que conduziram no julgamento, as quais permaneciam lacradas até o momento do início da apresentação dos alvos ao sujeito. Para a exibição dos alvos aos sujeitos foram usados 2 VCRs, 2 Projetores Multimídia e dois conjuntos de alto-falantes amplificados. As imagens dos vídeos foram projetadas nas paredes das salas.

A medida que os sujeitos chegavam, se dirigiam à coordenação do curso de Parapsicologia (Sala E), sendo recebidos por um pesquisador, que os conduzia a sala de espera e revelação (Sala C). Nesta sala ficavam acompanhados por outro pesquisador, que os encaminhava as suas respectivas salas de julgamento

(A e B) nos momentos de início dos mesmos.

Com a chegada do sujeito, era dado o início ao julgamento. Primeiramente era solicitado ao sujeito as fichas de registro dos dados do sonho, verificando se foram preenchidas corretamente. Após, o sujeito era convidado a relatar seu sonho ao pesquisador, o qual, ao final do relato, indagava sobre informações adicionais.

Terminada esta etapa, retirava-se a fita de vídeo do envelope e, acionando o VCR apresentava-se os 4 alvos ao sujeito. Inicialmente o sujeito assistia aos 4 alvos ininterruptamente. Depois eles eram exibidos novamente, sendo que, ao final da apresentação de cada alvo, era interrompida a reprodução, solicitando-se que o sujeito fizesse correlações com o seu sonho. Ao final dessas quatro apresentações, entregava-se a ficha de julgamento ao sujeito, solicitando-lhe que nomeasse cada alvo e procurasse ordená-los de 1 a 4, marcando os números abaixo do nome de cada alvo, de forma que o alvo escolhido em primeiro lugar fosse aquele que mais se relacionasse com seu sonho e que possivelmente teria sido transmitido. O que fosse colocado em segundo lugar deveria ser aquele que contivesse menos correlação com o sonho que o colocado em primeiro lugar e mais que o colocado em terceiro lugar e, assim sucessivamente, de forma que o colocado em quarto lugar representasse aquele com menos correlações como seu sonho. Após a finalização da avaliação, os sujeitos foram encaminhados para a Sala C, para a revelação dos alvos corretos. Nesse local encontravam o pesquisador emissor, o qual revelava-lhes o alvo transmitido. Nessa sala eles permaneciam por 10 a 20 minutos discutindo sobre os detalhes da experiência vivenciada. Caso o sujeito tivesse colocado o alvo transmitido em primeiro lugar na ficha de julgamento, caracterizava-se o acerto. Se isso não ocorresse avaliava-se o experimento com erro. Após as trocas de experiências mancava-se o próximo ensaio.

HIPÓTESE

Com base nos resultados dos estudos anteriormente comentados, especialmente aqueles realizados no Centro Médico de Maimonedes, foi previsto que os acertos diretos se afastariam positivamente da média a um nível significativo.

RESULTADOS

Tabela 1. Dados experimentais

Ensaio	Data do sonho	Data do julgamento	Pesquisador emissor	receptor	Sexo do receptor	Pesquisador julgamento	Acerto erro
001	07/11/03	07/11/03	Jedalva	01	M	Cilmar	erro
002	07/11/03	07/11/03	Cilmar	02	F	Jedalva	acerto
003	07/11/03	07/11/03	Enio	03	F	Cristiane	erro
004	07/11/03	07/11/03	Cristiane	04	F	Enio	erro
005	07/11/03	07/11/03	Fábio	05	M	Maria José	erro
006	07/11/03	06/11/03	Maria José	06	F	Fábio	erro
007	14/11/03	14/11/03	Jedalva	01	M	Cilmar	erro
008	14/11/03	14/11/03	Cilmar	07	F	Jedalva	erro
009	14/11/03	14/11/03	Enio	08	F	Cristiane	erro
010	14/11/03	14/11/03	Cristiane	09	F	Enio	acerto
011	14/11/03	14/11/03	Fábio	10	M	Maria José	erro
012	13/11/03	14/11/03	Maria José	11	F	Fábio	erro
013	21/11/03	21/11/03	Cilmar	12	F	Jedalva	acerto
014	20/11/03	21/11/03	Jedalva	02	F	Cilmar	acerto
015	21/11/03	21/11/03	Enio	03	F	Maria José	erro
016	21/11/03	21/11/03	Cristiane	04	F	Enio	acerto
017	21/11/03	21/11/03	Fábio	05	M	Cristiane	erro
018	20/11/03	21/11/03	Maria José	06	F	Fábio	acerto
019	28/11/03	28/11/03	Jedalva	13	M	Cilmar	erro
020	28/11/03	28/11/03	Cilmar	07	F	Jedalva	acerto
021	28/11/03	28/11/03	Enio	08	F	Cristiane	erro
022	28/11/03	28/11/03	-	Não compareceu	-	-	-
023	28/11/03	28/11/03	-	Não compareceu	-	-	-
024	28/11/03	28/11/03	Maria José	01	M	Cilmar	erro

Como pode ser visto na tabela acima, foram realizados 22 ensaios, tendo sido previsto 24. Dois dos sujeitos não compareceram para a realização do julgamento dos alvos e efetivação dos experimentos. Dos 13 sujeitos 1 realizou 3 ensaios, 7 realizaram 2 ensaios e 5 realizaram apenas 1 ensaio. No total houve 7 acertos (31,81%), o que não chega ser significativo ($Z=0,49$, $p>,05$), visto o pequeno número de ensaios. Este resultado considerou somente os julgamentos dos receptores (acertos diretos), visto que os pesquisadores não realizaram julgamentos independentes. Um fato que chama a atenção é que nenhum receptor masculino obteve acerto, porém a proporção de mulheres foi bem maior que a dos homens. A comparação dos acertos

masculinos e femininos (vide tabela abaixo) indica um $X^2 = 2,88$, o que também não mostra significância ($p > 0,05$). Dentre as receptoras que acertaram o alvo transmitido, uma delas, a de número 02, obteve dois acertos.

Tabela 2. Comparação entre acertos e erros para ambos os sexos

	Masculino	Feminino
Acertos	0	7
Erros	7	8

DISCUSSÃO

Com o resultado quantitativo não significativo (31,81%), a hipótese lançada é descartada. Também não é possível avaliar se os dados obtidos seriam esperados para tal técnica, visto que não temos conhecimento de Meta-análises atualizadas sobre os experimentos com sonhos. Por analogia poder-se-ia considerar a expectativa de sucesso para a técnica Ganzfeld, que fica entre 33-35%, verificando-se que o resultado situa-se próximo do esperado para essa técnica. (BEM, HONORTON, 1994) Para estudos futuros se faz necessário o aumento do número de ensaios (mínimo de 80) para que os resultados alcancem a significância esperada.

Os dados de acertos e erros relativos ao sexo dos participantes também não se mostram significantes. Com uma amostra maior e mais equilibrada, talvez seja possível verificar novamente esses dados sobre o gênero.

Como o principal objetivo desse estudo voltava-se ao aprendizado didático, passa-se a refletir sobre a experiência adquirida no mesmo, indicando-se alguns pontos falhos e suas alternativas de correção.

Um destes pontos foi que o pesquisador emissor, ao colocar a fita no ponto exato do alvo, algumas vezes viu os alvos incorretos, o que supostamente influenciou na recepção do alvo correto, parecendo, inclusive, que alvos vistos indevidamente foram captados pelos sujeitos. Assim faz-se necessária uma metodologia mais segura, como por exemplo, aumentando-se o tempo de intervalo entre um alvo e o outro. Por outro lado, poder-se-ia criar uma metodologia que incluísse imprevistos, visto que os mesmos parecem, talvez, incrementar da psi. (SILVA, 2002)

Outra situação foi de que alguns pesquisadores emissores encontraram-se com seus sujeitos (receptores) antes do julgamento, o que pode ter permitido o vazamento de indícios subliminares ou verbais sobre o alvo. Esta dificuldade surgiu porque os julgamentos foram no período das aulas, em um curto espaço de tempo e a recepção dos sujeitos foi feita pelos próprios pesquisadores, ou seja, um pesquisador emissor recepcionava o sujeito de seu colega, enquanto que o sujeito para o qual ele agiu como emissor era recepcionado por outro pesquisador emissor. Uma possível solução incluiria o isolamento dos pesquisadores emissores em uma sala, sem terem que recepcionar os sujeitos de seus colegas. Os sujeitos seriam recepcionados por um assistente externo.

Houveram também dificuldades no manuseio de equipamentos, o que, em alguns casos, gerou atraso no julgamento e revelação dos alvos. Um treinamento mais eficiente é necessário para suprir essa dificuldade.

Percebeu-se ainda que por ocasião do primeiro ensaio dos sujeitos receptores, estes ficaram muito ansiosos, o que se reduzia com o segundo ensaio. Como alternativa, poderia se fazer mais experimentos antes do julgamento, porém, para diminuir a possibilidade de vazamentos sensoriais, os sujeitos receptores precisariam estar fisicamente mais distantes dos pesquisadores emissores, como por exemplo em cidades ou estados diferentes, similar ao trabalho apresentado neste mesmo evento (CASTRO, KREIMAN, 2004). Isso também implicaria em julgamentos diferenciados ou realizados por juizes independentes.

Observou-se também, de forma não controlada, alguns dados que poderiam, talvez, ser considerados como qualitativamente relevantes. Apesar de diferenças metodológicas esses dados se mostraram semelhantes a estudos anteriores. (PARKER, PERSSON, 1999; PARKER, PERSSON, HALER, 2000; KREIMAN, 2001; PARKER, 2004; DALTON, 2002; ALEXANDER, 2002; SILVA, 2002; SILVA, HIRAOKA, PILATO, 2003ab) Isso pode indicar que essa categoria de análise deve ser prevista e considerada em estudos futuros.

Em termos de dados que não foram observados, destaca-se: a) condições do emissor, como se o horário que ele acordou (45 min antes do receptor) é o de costume, se houve sonolência ao transmitir o alvo, se conseguiram se concentrar em suas tarefas e que estratégias utilizaram para fazê-lo; b) dados sobre os receptores, tal como se relatam experiências psi anteriores, se fazem algum tipo de disciplina mental e características de personalidade. Essas informações poderão ser avaliadas em estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, C. **Comunicação pessoal**. 2002.

BEM, D. J.; HONORTON, C. **Does Psi exist? Replicable evidence for an anomalous process of information transfer**. Psychological Bulletin, v.115, n. 1, p. 4-18, jan., 1994.

- CASTLE, R. L. V. Sleep and dreams. In: WOLMAN, Benjamin B. (Edit.). **Handbook of parapsychology**. Jefferson : McFarland & Company, 1977.
- CASTRO, J. F. B.; KREIMAN, N. Experimento de Visão Remota entre o Brasil e a Argentina utilizando vários sentidos. In: II Encontro Psi: refletindo sobre o futuro da Parapsicologia (2. :2004 : Curitiba). Livro de registro de trabalhos apresentados. Curitiba : Faculdades Integradas "Espírita", 2004.
- DALTON, K. **Comunicação pessoal**. 2002.
- EYSENCK, H. J.; SARGENT, C. **Explicando lo inexplicado**. Barcelona : Editorial Debate, 1993.
- HONORTON, C. ESP e os estados alterados de consciência. In: BELOFF, John. **Parapsicologia hoje**. Rio de Janeiro : Arte Nova, 1976.
- KREIMAN, N. **Curso de Parapsicologia**. Buenos Aires : Kier S.A., 1994.
- KREIMAN, N. El paradigma del Ganzfeld. In: ROSA, V. B. et al. **Anuário Brasileiro de Parapsicologia**. Recife : IPPP, 2001. p. 71-110.
- MORRIS, R.; WATT, C. La investigacion parapsicológica na Cátedra Koestler. In: REVISTA ARGENTINA DE PSICOLOGIA PARANORMAL. Buenos Aires : Instituto de Psicologia Paranormal, v. 8, n. 3, julho 1997, p. 147-166.
- PARKER, A. Psi and altered states. In: STORN, L.; TALBOURNE, M. (Eds.) **Parapsychology in the 21st century**. MacFarland, 2004. In press.
- PARKER, A.; PERSSON, A. Using the Ganzfeld in qualitative process research: an interim report. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION 42ND CONVENTION, (42.: 1999 : Palo Alto.) **Proceedings of Papers**. Palo Alto : The Parapsychological Association, 1999. p. 270-277.
- PARKER, A.; PERSSON, A.; HALER, A. Using qualitative Ganzfeld research for theory development: top-down processes in Psi-mediation. **Journal of the Society for Psychical Research**, London, v. 64.2, n. 859, p. 65-81, Apr. 2000.
- RADIN, D. **The conscious universe: the scientific truth of psychic phenomena**. San Francisco : HarperEdge, 1997
- RAND CORPORATION. **A million random digits and 100.000 normal deviates**. New York : Free Press, 1955.
- SILVA, F. E. da; PILATO, S.; HIRAOKA, R. **Analizando estados no-ordinarios de consciencia y otros factores favoraveis para la telepatia : um estudo exploratório**. Revista Argentina de Psicologia Paranormal, Buenos Aires, v.14, n. 3-4, p. 187-216, jul./out., 2003a.
- SILVA, F. E. **Ganzfeld e não Ganzfeld: testando a eficácia da técnica em si e em relação a outros fatores psi-condutivos**. Curitiba : Ed. Própria, 2002. Relatório apresentado a Fundação Bial.
- SILVA, F. E.; PILATO, S.; HIRAOKA, R. Ganzfeld vs. no Ganzfeld: an exploratory study of the effects of Ganzfeld conditions on ESP In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION 46TH ANNUAL CONVENTION. (46. : 2003 : Vancouver). **Proceedings of presented papers**. Vancouver : Parapsychological Association, 2003b. p. 31-48.
- ULLMAN, M.; KRIPNER, S.; VAUGHAN, Alan. **Dream telepathy: experiments in nocturnal ESP**. 2.ed. Jefferson : McFarland & Company, 1989.